Política de Cotas na Universidades: Uma análise baseada nas Notas do ENEM 2008

INTRODUÇÃO

O argumento a favor da cota racial nas universidades se baseia na desigualdade histórica observada nos mais diversos indicadores sociais e econômicos (expectativa de vida, mortalidade infantil, local de moradia, renda, posição ocupação, desemprego e etc.). Os aprovados serão aqueles que tiverem reunido as melhores oportunidades já ao nascer e ao longo da vida. Nesse sentido, os negros e pardos estariam partindo de condições menos favoráveis em relação aos brancos na disputa por uma vaga. Sob essa perspectiva a política de ação afirmativa através do sistema de cotas se apresenta como um ato corretivo de injustiças históricas sofridas pela população preta e parda.

A adoção de uma política como essa demanda uma larga discussão sobre o assunto, por conta da sua complexidade e por conceder um benefício para indivíduos com uma característica que não pode ser determinada objetivamente. Afinal, o debate sobre quem é negro no Brasil se desenvolve há quase 40 anos sem que um consenso tenha sido alcançado. Em um artigo voltado para variáveis de classificação racial e opinião sobre a política de cotas para negros em uma amostra de 476 alunos do último ano do Ensino Médio da rede pública de um município periférico da região metropolitana do Rio de Janeiro Brandão e Marins (2003) afirmam:

> "(...) os entrevistados opinaram sobre quais os critérios mais importantes para definir a cor ou raça de outro indivíduo bem como a sua própria. No que tange à definição racial do outro, vemos que o critério mais significativo é a cor da pele (40,08%). Em segundo lugar, aparece a origem familiar (35,86%). Se somarmos as duas opções mais diretamente fenotípicas (cor da pele e traços físicos), teremos um total de 57,17% dos respondentes. Já para a autodefinição, os entrevistados se apóiam mais na origem familiar (45,7%). No entanto, se mais uma vez somarmos os que responderam cor da pele (37,13%) e os que responderam traços físicos (11,39%), encontraremos um número muito significativo (48,52%)." (BRANDÃO; MARINS, 2003, sem página).

Superando-se esse desafio conceitual o debate sobre as cotas deve girar em torno da real eficiência dessa política. Azevedo (2007) aponta o exemplo da política de cotas norte americana que esteve longe de ser um sucesso e que existiriam programas mais eficazes para se combater o "racismo institucional" e o estado de penúria de boa parte da população negra. Não haveria um recorte racial e, sim, social, como o da reforma agrária, o da recuperação da qualidade das escolas públicas de ensino fundamental e médio; o Projeto de Renda Básica Universal e o Programa Bolsa-Escola. Os defensores das cotas raciais não são contrários à reforma agrária ou à melhoria da escola pública. O

mais paradoxal é que alguns programas preconizados como renda básica e bolsa-escola estão no bojo das chamadas políticas compensatórias, e tais políticas seguem o mesmo princípio das ações afirmativas (do qual as cotas raciais fazem parte): reparar as injustiças do passado (e do presente) para os grupos que são discriminados negativamente, por motivo de cor, gênero, classe social ou orientação sexual.

No Brasil reivindicações sobre cotas já se fazem ouvir desde meados dos anos de 1980, a princípio na voz isolada do então deputado Abdias do Nascimento. Porém sua concretização só tenha começado a ocorrer a partir de 2001. em época próxima de eleição presidencial O governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho, então candidato à presidência, mal se lembrou de consultar a comunidade acadêmica sobre isso, apressando-se em produzir projeto de lei de estabelecimento de cota racial nas universidades estaduais do Rio de Janeiro já a partir da seleção de 2002/2003. (AZEVEDO, 2007)

Esse artigo busca analisar a diferença da nota final do ENEM de 2008 entre pretos, pardos e brancos, cruzando as notas médias daqueles que fizeram a prova com a intenção de ingressar no ensino superior (existe uma pergunta no questionário socioeconômico que enumera diversas razões que motivaram o aluno a realizar a prova dentre elas está a opção de entrar na faculdade) com variáveis socioeconômicas, para comparar a influência da cor/raça com outros fatores socioeconômicos. A partir desse resultado pretende-se trazer novas questões para o debate sobre o programa de reserva de vagas para que essa política não fique baseada em interesses políticos e que seu desenvolvimento possa ser respaldado por pesquisas e discussões.

DESEMPENHO DOS ALUNOS ENEM 2008

O primeiro passo para conhecer a diferença de desempenho entre brancos, pretos e pardos é comparar a da nota final obtida, que é a média do percentual de questões certas na prova objetiva com a nota da redação numa escala de 0 a 100. A Tabela 1 fornece essas médias e apresenta uma diferença muito pequena entre pretos e pardos (0,6 pontos). Brancos obtiveram em média 4,5 pontos a mais que pretos, ou seja, uma nota 9,2% maior.

Tabela 1

Nota Média por Cor/Raça no ENEM 2008

Cor/raça	Média	Desvio Padrão
Preto	48,6	19,4
Pardo	49,2	20,4
Branco	53,1	21,9

Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

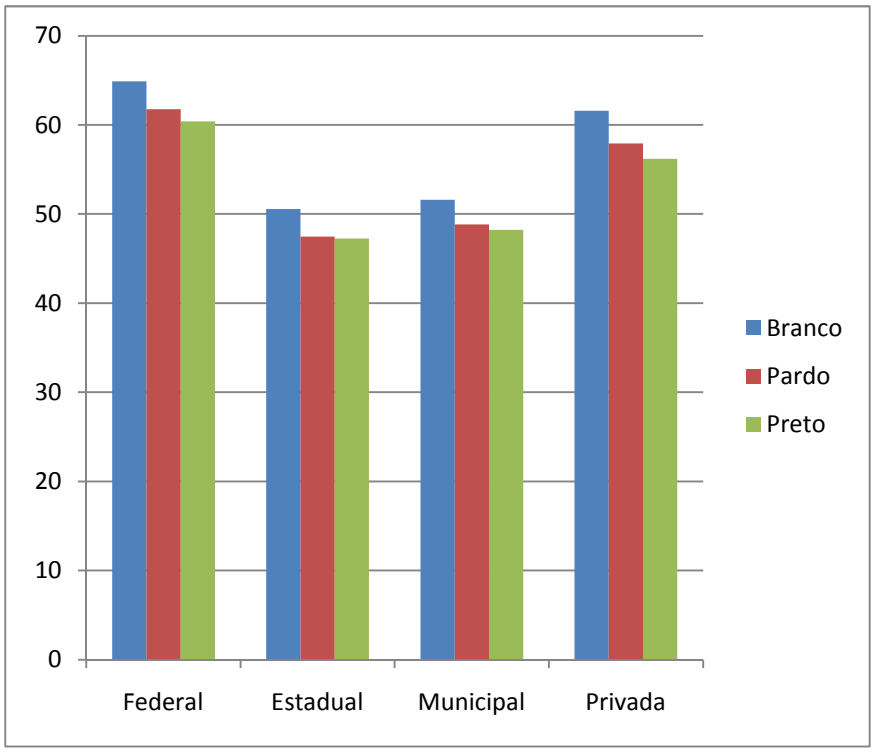
O Gráfico 1 nos mostra o desempenho dos alunos de acordo com a dependência administrativa da escola na qual o ensino médio foi concluído. Fica evidente a falta de investimentos do poder público na educação por conta do baixo desempenho das escolas municipais e estaduais. Mesmo os alunos das escolas federais apresentando as melhores notas, isso não significa que existe um maciço direcionamento de recursos federais para a educação, tendo em vista que os alunos dessa rede são apenas 1,4% do universo analisado, ao passo que a rede estadual é responsável por 77,0% dos alunos.

A Tabela 2 apresenta a diferença percentual entre brancos e pretos em cada tipo de dependência administrativa. Essa diferença gira em torno de 7% entre as escolas federais, municipais e estaduais, já nas escolas privadas fica em 9%. Quando se comparam as notas de pretos, pardos e brancos de escolas estaduais e escolar privadas, observa-se que essa variável tem uma influência maior na nota média do que a variável cor/raça. Estudar numa escola particular aumenta a nota dos alunos brancos em 21,8%, dos pardos em 22,0% e dos negros em 18,9% em relação às estaduais. O aumento da nota média é ainda maior quando se comparam as escolas estaduais com as federais 28,3% para os brancos, 30,1% para os pardos e 27,8% para os negros.

Uma das variáveis que possui o papel mais importante na nota média é a escolaridade dos pais. O Gráfico 3 mostra o desempenho dos alunos de acordo com o maior nível de escolaridade do pai ou da mãe por cor/raça. A nota média dos brancos aumenta 30,2%, passando de 46,5 na categoria “não estudou” para 60,6 dentre aqueles que o pai ou a mãe possui pós-graduação. O incremento nas notas de pretos e pardos é menor, no entanto também é expressivo. Para pretos é de 20,5%, passando de 45,3 pontos na primeira categoria para 54,6 pontos na última e os pardos tem um ganho de 24,9% na nota média equivalente a 11,2 pontos na prova.

Gráfico 1

Nota Média por Cor/Raça e por Dependência Administrativa da Escola no ENEM 2008



Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

Tabela 2

Diferença Percentual entre as Notas de Brancos e Pretos no ENEM 2008 por tipo de Dependência Administrativa

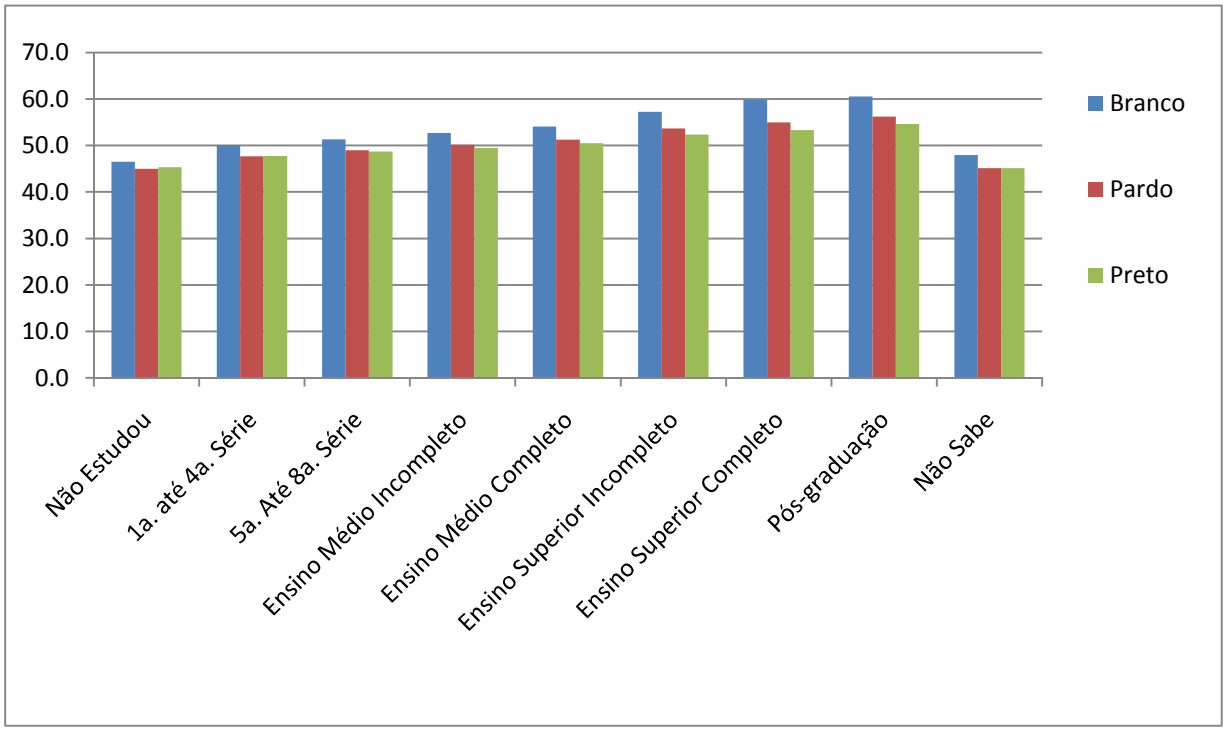
Dependência Administrativa	Diferença Percentual
Federal	7,4
Estadual	7,0
Municipal	7,1
Privada	9,6

Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

Quanto maior o nível de escolaridade de um dos pais, maior será a diferença entre a nota média de brancos e negros. O auge dessa diferença encontra-se nas categorias na qual um dos responsáveis possui ensino superior completo (12,3%) e incompleto (9,4%). O fato de a renda ser a variável que provoca o maior incremento na nota média e a disparidade salarial entre esses dois grupos ser maior num nível escolarização mais elevado pode explicar porque a maior diferença se situa entre aqueles que tiveram acesso à universidade. De acordo com o IBGE (2006) quando a escolaridade passa da faixa de 8 a 10 anos de estudo para a seguinte 11 anos ou mais, o ganho salarial era significativamente maior para os brancos: enquanto os pretos e pardos tinham acréscimo de 62,0% no rendimento, o rendimento médio dos brancos subia 250%.

Gráfico 2

Nota Média no ENEM 2008 por Maior Nível de Escolaridade dos Pais segundo Cor/Raça



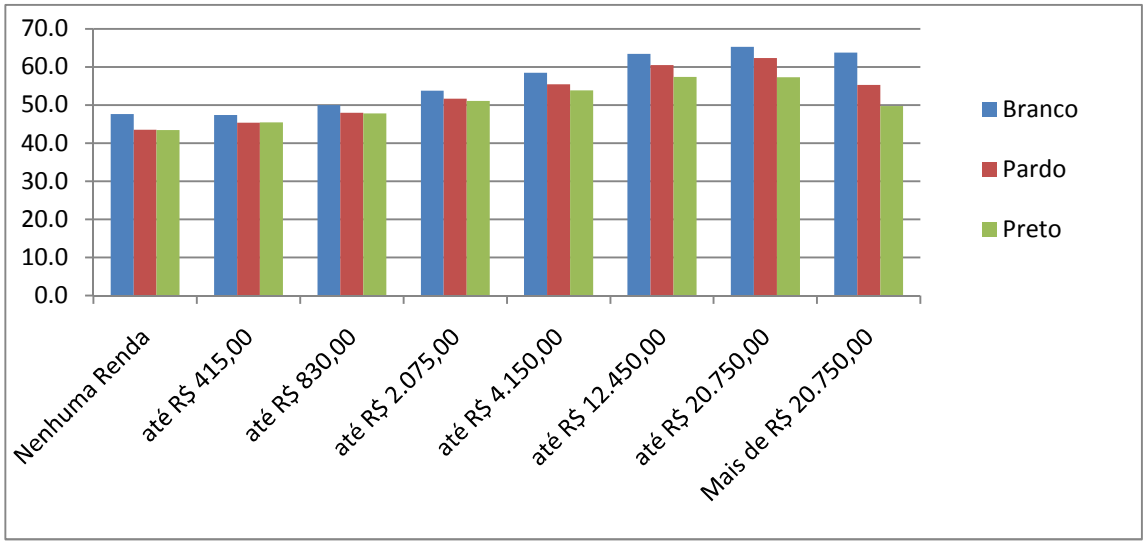
Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

O Gráfico 3 aponta para a grande influência que a renda tem sobre o desempenho dos alunos. Existe uma tendência de aumento da nota média para aqueles que ganham até R$ 20.750,00, acima desse patamar observa-se uma diminuição em

todas as cores/raças. É relevante observar que quanto maior a renda familiar maiores são as distâncias entre as notas de pretos e brancos (Tabela 4). A capacidade de a renda incrementar a nota não é igual em todas as cores/raça. O aumento da nota média quando se passa da categoria até R$ 415,00 para até R$ 20.750,00 é de 37,2% para brancos, 43,4% para pardos e 31,9% para negros.

Gráfico 3

Nota Média por Cor/Raca segundo Renda Familiar no ENEM 2008



Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

Tabela 4

Diferença Percentual entre as Notas de Brancos e Pretos no ENEM 2008 de acordo com a Renda Familiar

Renda Familiar	Diferença Percentual
Nenhuma Renda	9,6
até R$ 415,00	4,1
até R$ 830,00	4,6
até R$ 2075,00	5,1
até R$ 4150,00	8,5
até R$ 12450,00	10,6
até R$ 20750,00	14,0
Mais de R$ 20750,00	28,2

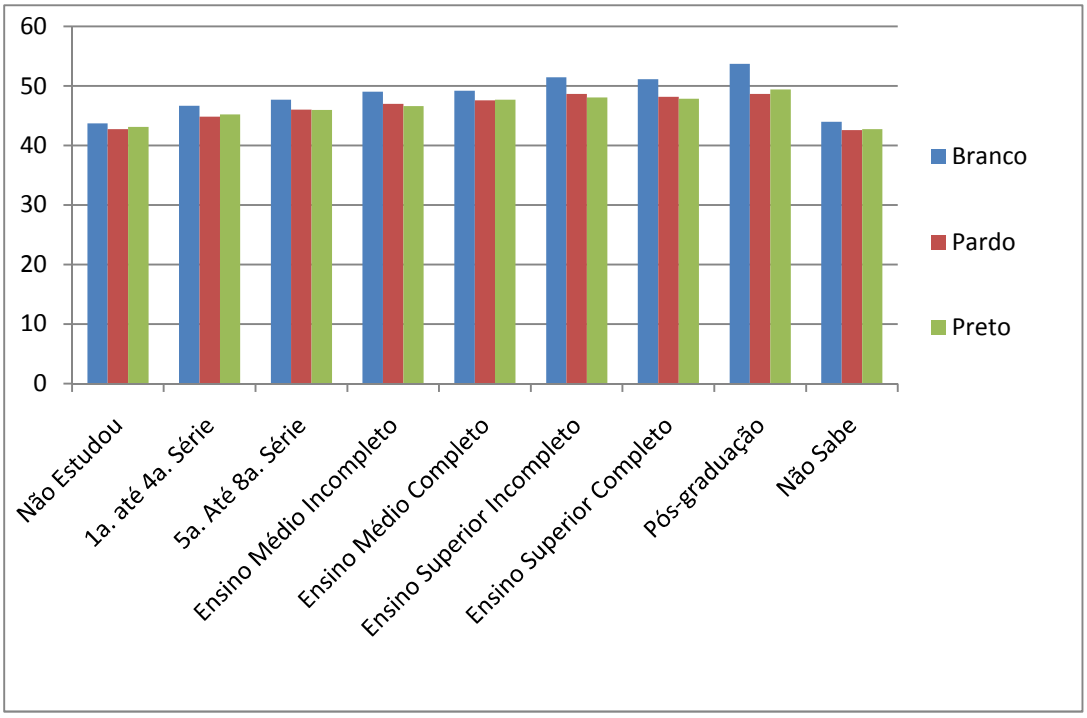
Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

No gráfico 4 observa-se que quanto pior a condição socioeconômica do aluno, ou seja, quanto menor a renda e mais baixo for o nível de escolaridade dos pais menor será diferença entre o desempenho de brancos, pretos e pardos (Tabela 5). 1,46%

separam a nota média de pretos e brancos dentre aqueles alunos com renda familiar até R$ 415,00 e que nenhum dos pais estudou. Nessa faixa de renda um aumento da escolaridade dos pais representa incrementos menores na pontuação final do que no total na população analisada.

Gráfico 4

Nota Média por Cor/Raça e Maior Nível de Escolariade de um dos Pais na Faixa de Renda até R$ 415,00



Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

Tabela 5

Diferença Percentual entre as Notas de Brancos e Pretos no ENEM 2008 por Maior Nível de Escolarização de um dos Pais na Faixa de Renda até R$ 415,00

Maior Nível de Escolaridade de um dos Pais	Diferença Percentual
Não Estudou	1,46
1a. até 4a. Série	3,27
5a. Até 8a. Série	3,79
Ensino Médio Incompleto	5,21
Ensino Médio Completo	3,15
Ensino Superior Incompleto	7,05
Ensino Superior Completo	6,83
Pós-graduação	8,78
Não Sabe	2,92

Fonte: Questionário socioeconômico ENEM 2008

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontam para um desempenho inferior dos pretos e dos pardos em relação aos brancos em todas as variáveis analisadas, o aumento de nota nos pretos quando mudam para uma categoria de uma determinada variável que tenha uma influência positiva no desempenho é inferior aquele observado entre os pardos e brancos. Cabe questionar-se porque o desempenho dos negros é sempre inferior. O sistema de seleção é racista ou estariam os negros expostos a condições sociais menos favoráveis? O Gráfico 4 é bastante elucidativo sobre essa questão. Quando negros e brancos partem de condições extremamente favoráveis têm desempenho muito semelhante, o que reforça a teoria de Bourdieu, na qual o sistema escolar reproduz as desigualdades já existentes, uma vez que o sistema de ensino é desenvolvido pela classe dominante para a classe dominante.

Outro fator que pode contribuir para um pior desempenho dos pretos e pardos está ligada a associação que é feita tanto entre pobreza quanto entre afro-descendência e pobreza. Brandão e Marins (2005) estudaram de forma mais detida as características dos alunos da UFF que, no Censo Étnico-Racial realizado naquela instituição em 2003, se declararam afro-descendentes. Os autores encontraram uma regularidade de características socioeconômicas que, naquele universo, diferenciavam cada subgrupo de cor ou raça (ou seja, pretos/afro e pretos/não-afro; pardos/afro; pardos/não-afro; brancos/afro e brancos/não-afro).

> "Nesse contexto, a declaração de afro-descendência não se distribuía aleatoriamente entre os entrevistados. De fato, cruzando as variáveis disponíveis, a avaliação do Censo da UFF indicou que quanto mais pobre o indivíduo de qualquer dos três grupos raciais, mais próximo este se encontrava de afirmar sua afro-descendência. Por outro lado, quanto menos pobre fosse este, também menos próximo se encontrava da afirmação de uma origem africana. E isso valia tanto para os pretos quanto para os pardos e os brancos. O que levaria os poucos pretos e pardos oriundos de famílias com maior renda a se considerarem não afro-descendentes? O que o estudo indicou foi que, ao alcançarem um *status* mais elevado (considerando a renda, o acesso à escolarização privada e a escolaridade dos pais, o que leva a um maior capital cultural incorporado [Bourdieu, 1998]), esses pretos e pardos seriam mais propensos a se aproximar do 'pólo branco' que seria mais valorizado socialmente."

Nesse sentido Azevedo apud Domingues (2004) sustenta a tese de que seria mais eficaz a adoção de medidas universalistas (de cunho social) para a abolição do racismo do que medidas específicas, em que o Estado tem que reconhecer a existência de raças. Combate ao racismo significa lutar pela *desracialização* dos espíritos e das práticas sociais. Para isso é preciso rechaçar qualquer medida de classificação racial com vistas a estabelecer um tratamento diferencial por raça, ou, para sermos mais claros, os direitos de raça. Reserva de vagas para determinados grupos são políticas redistributivas , *cujo* objetivo é "o desvio e o deslocamento consciente de recursos financeiros, direitos ou outros valores entre camadas sociais e grupos da sociedade" (Windhoff-Héritier apud Frey p. 9). Isso abre precedente para que outros grupos que se julguem minoria ou desfavorecidos reivindiquem cotas para si, conforme já existe um percentual na UERJ para filhos de bombeiros, policiais e agentes penitenciários mortos em serviço.

O debate sobre a reserva de vagas ainda precisa ser realizado antes de esta ser refutada ou se transformar em política pública. Até hoje o percentual destinados aos negros nas universidades foi escolhido de forma arbitrária sem que houvesse uma discussão mais aprofundada sobre o assunto. Dessa forma, busca-se evitar o ocorrido nos EUA, onde as cotas raciais beneficiaram em grande parte a classe média negra. Além disso, ainda não há certeza se as cotas eliminariam as desigualdades entre negros e brancos e com que intensidade isso aconteceria caso esse sistema fosse adotado. Deve-se ter em mente que outras variáveis como o tipo de dependência administrativa da escola, a renda familiar e a escolaridade dos pais influenciam mais a nota dos alunos do que a cor/raça, então, porque adotar um sistema que priorize a cor da pele e/ou ascendência daqueles que almejam uma vaga na universidade? Em vez de lançar mão da reserva de vagas um mecanismo melhor poderia ser um bônus sobre a nota do aluno com uma condição social menos favorável independentemente de ele ser branco ou negro.

BIBLIOGRAFIA:

ANDRADE, C.Y. de; DACHS J.N.W. Acesso à Educação por Faixas Etárias Segundo Renda e Raça/Cor. Cadernos de Pesquisa vol.37 no. 131, São Paulo, May/Aug. 2007.

CARVALHO, M. P. O Fracasso Escolar de Meninos e Meninas: Articulações entre Gênero e Cor/Raça. Revista Brasileira de Educação no. 28, Rio de Janeiro, Jan./Apr. 2005

FERRARO, A.R. Gênero, raça e escolarização na Bahia e no Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisas vol.39 no.138, São Paulo, Sept./Dec. 2009

Frey, K.; Análise de Políticas Públicas: Algumas reflexões conceituais e suas implicações para a situação brasileira, PPGSP/UFSC, *Cadernos de Pesquisa, no18,* Setembro de 1999.

IPEA, Boletim de Políticas Sociais - acompanhamento e análise, nº 13, edição especial, 2007. Capítulo Igualdade racial, pp. 281-319.

IBGE. Estudo Especial da PME sobre Cor ou Raça (2006). Disponivel em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=737 Acesso: 14/10/2010

VALVERDE, D.O; STOCCO, L. Notas para a Interpretação das Desigualdades Raciais na Educação, Revista Estudos Femininos vol.17 no. 3 Florianópolis Sept./Dec. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300019&script=sci_arttext

AZEVEDO, C. M. M. Cota racial e estado: abolição do racismo ou direitos de raça? Cad. Pesqui. vol.34 no.121 São Paulo Jan./Apr. 2004

DOMINGUES, P. Resenha (2004) de AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Anti-racismo e seus paradoxos*: reflexões sobre cota racial, raça e racismo. São Paulo: Annablume, 2004. 144p.

BRANDÃO, A. A.; MARINS M. T. A. Cotas para negros no Ensino Superior e formas de classificação racial, Educ. Pesqui. vol.33 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2007